

As Imperfeições do Mundo Sonhado por Bacon

Maria do Socorro da Silva¹

Ao ler o artigo do Professor Doutor Marcelo Pelizzoli, intitulado “*Utopia Tecnocêntrica à Utopia Ecológica: Da nova Atlântida à política socioambiental*”, publicado pela Revista Gaia Scientia, em 2008, encontro trechos elucidativos da Nova Atlântida de Bacon que apontam para uma personalidade megalomaniaca, se não for ingênua. De uma criatividade voltada ao desejo de acrescentar ao mundo um pouco ou muito mais do que já se tinha, sem estabelecer parâmetros nem princípios éticos.

“*Temos [...] casas de ilusões dos sentidos, onde executamos todas as espécies de jogos de prestidigitação, falsas aparências, imposturas, ilusões e falácias*” (BACON apud PELIZZOLI, 2008, p. 4).

No mundo criado por Bacon (*New Atlantis*) e sua nova ciência, as mazelas humanas se repetem. O inusitado mundo resume-se à proporção, à forma, ao volume, à quantidade, à altura, à velocidade, à imitação do real. Ele debocha da natureza e de sua intocabilidade. É uma ruptura consciente às crenças e ao que estava estabelecido como uma verdade absoluta. Parece-me de fato revolucionário se não fosse uma bola de neve conduzida pela desesperada ânsia de apropriação pela serventia e utilitarismo que a natureza representava.

Bacon não prevê a escassez e não deixa claro a quem se destinava o novo mundo, ou melhor, a quem pertenceria. O progresso inconsequente e sem a devida necessidade. O mesmo que hoje impulsiona o lançamento de novos produtos antes mesmo que a versão mais antiga caia em desuso.

No mundo sonhado por Bacon, animais aprisionados para pesquisas (os laboratórios e zoológicos de hoje); a manipulação genética mudando a capacidade reprodutiva, a forma, a cor (clonagens e provetas atuais); a negação da fatalidade, da morte (a almejada eterna juventude).

Busca a eternidade pela previsibilidade da “*ressurreição dos corpos aparentemente mortos*” (BACON apud PELIZZOLI, 2008, p. 3). Fala de corpos e, não da essência; da perpetuação da matriz imitatória da natureza, ciclicamente (hoje temos uma agravante que são as patentes e royalties de quem a detém).

Alude à ressurreição como processo controlável e corriqueiro e ao que advém de substâncias em putrefação (o renascer das cinzas como a Ave Fênix ou o vencer a morte sem partir para outras dimensões).

E complementa: “*E o que conseguimos não ocorre por acaso, já que sabemos com antecedência que espécie de criatura nascerá de cada substância ou cruzamento*” (BACON apud PELIZZOLI, 2008, p. 3). Uma teoria da certeza e de uma verdade imutável tão absoluta quanto aquela defendida por seus antecessores criticamente negados.

O que parece estranho ao relato de Bacon é que não há previsibilidade de poluição, de resíduos, de contaminação, dos efeitos sobre as mudanças das características naturais do planeta, das espécies ou a possibilidade de catástrofes como ocorrem nos nossos dias.

Temos hoje a compreensão de que o progresso alimentou e alimenta a elevação da temperatura do planeta e, conseqüentemente, as chamadas mudanças climáticas. Cientistas e ambientalistas estão, nos últimos anos, dialogando com governos, com o meio acadêmico, com a sociedade civil organizada e com todos os que têm sofrido diretamente os efeitos dessas mudanças com o intuito de desenvolver meios de convivência e mudanças de comportamento tendo em vista à sustentabilidade da vida no planeta.

Comenta Pelizzoli (2008, p. 3) que “*se Bacon conhecesse o atual estado das chuvas ácidas, ou das secas ou enchentes, frutos de alterações de ecossistemas, micro-climas e poluição, de fato se surpreenderia, mas negativamente, o que não era o caso no momento histórico*”.

Além do manejo intencionalmente previsto por Bacon, coube também ao homem (anônimo ou não) uma parcela de culpa sobre a exploração exacerbada dos ecossistemas no ciclo de destruição do meio natural e a construção inadequada de moradias, os despejos dos resíduos nos cursos d’água e os costumes e consumos insustentáveis.

¹ Bióloga. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. mssilva@ufpe.br

Em Bacon, a biodiversidade não tem uma razão específica de existir: nomeia, por exemplo, o melhoramento genético de alguns animais e plantas sem entender o papel que eles desempenham e nem entende como eles interagem com o ambiente. Dão-lhes funções por parâmetros antropocêntricos sempre ou, bem pior, muda seus destinos e ameaça extingui-los aos torná-los inférteis ou improdutivos.

Na percepção de Bacon tudo estaria em função da ciência e nada existiria se não fosse para ser descoberto e transformado. Não fala de leis naturais. Ignora a incerteza. O que Pelizzoli (2008, p. 2) classifica de “*uma verdadeira utopia da transformação da ordem natural das coisas em nome do melhorismo técnico*”.

Prevê o desenvolvimento dos fármacos:

“Possuímos medicinas em vários graus de elaboração e algumas de muito demorada fermentação... onde foram empregadas formas muito precisas de combinação, a ponto de as substâncias se incorporarem, como se fossem substâncias simples por natureza” (BACON PELIZZOLI, 2008, p. 3).

As substâncias simples as quais se refere poderiam ter propriedades até então desconhecidas ou novos elementos químicos seriam criados pela combinação entre eles. Na realidade, a fusão entre átomos de elementos químicos diferentes para tornarem-se substâncias puras simples inexistem.

Ele não deixou de lado o aperfeiçoamento da arte da guerra como um novo atrativo do seu mundo, onde os instrumentos e as máquinas são preparados para todo tipo de movimento. Fazem experimentos para

“Torná-los mais fortes e mais violentos que os vossos e superiores até àqueles dos vossos mais possantes canhões e balísticos. Fabricamos ainda armas de fogo, instrumentos de guerra e máquinas de todos os tipos e novas misturas e composições de pólvora, de fogo grego, que queimam na água e que não se consegue extinguir” (BACON apud PELIZZOLI, 2008, p. 3).

Por que a guerra o atraía tanto? Quais filósofos ou cientistas se arriscariam a propagandear os resultados fabulosos e bélicos de suas idéias ou de suas pesquisas? Apesar de que as ameaças não vêm apenas das máquinas.

Bacon induz a ciência moderna a tornar o seu sonho possível em sua embriaguez pelas conquistas de sua época: povos subjugados, terras invadidas, instrumentos de orientação e de conquista. As suas idéias tornam-se factíveis e a lógica “*homem – máquina*” a verdade absoluta, sem a influência de crenças, por sua concepção de natureza.

A imitação por modelos próximos aos “*movimentos das criaturas vivas*”; hoje, a “*fábula*” real: a robótica. A inteligência artificial opera milagres. Pode até ter sentimento! Sem contestação, temos hoje o aprimoramento de suas idéias pelas ciências exatas e naturais.

Bacon anuncia eufórico os feitos da Nova Atlântida e simula (finge ter o que não se tem) e dissimula (finge não ter o que se tem). Constrói imagens que dão formas ao imaginário, mas até que ponto ele anunciaria o irreal como real apenas para demonstrar a sua capacidade intuitiva sobre o que ele não tinha acesso e que poderia ser real ou por ser o porta-voz do progresso científico que estava muito além dos padrões de pesquisa do seu tempo ou ainda para criar um alvoroço (destrutivo) e suplantar a corrente tradicional da ciência de inspiração Aristotélica?

E como a ciência, fruto da aplicação reducionista, materialista, objetificadora de inspiração baconiana e de seus precursores, corrigiu mecanicamente as “*imperfeições*” do mundo real? Na “*Carta à Filha de Minha Neta*”, Pelizzoli (2008, p. 5-6) descreve o melhorismo do mundo tal como ele está que, direta e indiretamente, compartilhamos inconscientemente:

O corpo:

“Visto apenas por partes e de modo químico-físico-experimental, um pouco mais que uma máquina ou aglomerado de células e elementos químicos”.

O nosso futuro ameaçado:

“[...] Os nossos filmes de futuro tinham um imaginário futurístico-tecnológico árido, seco, calculado e caótico ao mesmo tempo”.

O todo que se destina a poucos:

“[...] Os de cima [...] em carros importados com ar, se protegiam em apartamentos com vigias, cachorros, câmeras e grades sem fim, e armas; e iam do trabalho para casa e nos shoppings fechados no fim de semana [...] às vezes iam a um parque aberto ou a uma praia com segurança semi-privada”.

A mercantilização da natureza:

“[...] A lei da produção e do mercado acirraram todas as contradições e invadiram quase todos os espaços da natureza e do corpo, mercantilizando gens, ar, água, terras, idéias, e tudo o que se possa imaginar”.

Os lucros com a doença:

“[...] Uso da doença para lucrar e de medicações não para ir às causas e à cura. [...] O crescimento dos gastos e pesquisas com grandes doenças, que seriam curadas geneticamente, e que depois [...] desembocaria num grande golpe econômico que privilegiaria alguns”.

Os excluídos da sociedade:

“[...] Os desprovidos, os sem-terra, os transviados, os loucos, os radicais, os rebeldes, os questionadores, os desordeiros, os esquerdistas, os alternativos, tudo isso era sinônimo de ameaça; onde tudo era rotulado e assim colocado dentro de uma caixinha ou expulso da chamada vida econômica e do normal”.

A duvidosa finalidade das pesquisas:

“[...] Universidades terem suas pesquisas quase todas financiadas por grandes grupos econômicos de falsa ética. [...] Laboratórios financiando pesquisadores e [...] os consultórios médicos com fármacos novos, manuais, presentes e congressos”.

A adaptação forçada às normas de competição dos mercados:

“[...] Os melhoramentos empregados eram na maioria dos casos uma exigência de certificação”.

Não são os golpes econômicos e a falsa ética as maiores ameaças desse modelo porque as maiores ameaças estão naqueles que questionam, seguem um modelo alternativo, se rebelam; a medida adotada contra esses: a expulsão da vida econômica e social.

Abro um parêntese e ressalto como leitura complementar o documentário Quem Somos Nós, de 2004, que considero bem oportuna para entendermos em que resultam as nossas escolhas, e mais, o porquê de preferirmos imitar as piores escolhas.

O Documentário mostra como a Física Quântica abre-se aos diversos saberes e inteligências, sejam eles teólogos, místicos, médicos, físicos, bioquímicos, psiquiatras, engenheiros, filósofos para entender que é preciso um novo paradigma que coloque em nossas mãos as responsabilidades por nossas escolhas.

Esquecemos nossa identidade ao quebrarmos as nossas conexões com as experiências e pessoas que compartilham do nosso universo de possibilidades e imitamos idéias e parâmetros ditados de fora para dentro pelas mídias e por pessoas que repetem os modelos desintegrados, sem identidade, são as idéias centrais do documentário.

Apesar de considerarem, seus autores, o corpo como uma máquina e reduzirem ao um campo específico do cérebro, o hipotálamo, o centro de nossas emoções e do comportamento sexual, como a ciência moderna também o compreende, e que nossas experiências são desencadeadoras de processos bioquímico indesejáveis em curto prazo (percepção destoante e baixa auto-estima), em médio e longo prazo (envelhecimento e perda irreversível da função celular), destaco, apesar do pouco conhecimento sobre os assuntos abordados, dentre tantos méritos do Documentário, que ele aponta as possibilidades que temos ao mudarmos de caminho, de experimentarmos novos conhecimentos e de percebermos daí em diante o que mudou em nossas vidas e que essas mudanças dependem apenas dos nossos pensamentos e intenções.

Como está o nosso mundo? Como é o mundo que queremos? Por onde podemos começar?

Os desvios de caminhos ou as escolhas sem validade para a ciência moderna já começaram para uma parcela, não calculada, de indivíduos que optaram por outro mundo possível.

Pelizzoli (2008, p. 5-7) revisita as suas estratégias e sua arte na superação das artificialidades e alucinações do universo capitalista, retornando ao passado e criando novas possibilidades refletidas na composição da *“Carta à Filha de Minha Neta”*, onde reconheceu que:

“Graças a muita luta e sofrimento, a grandes choques que algumas pessoas desta geração tiveram que assumir já no século XX, vocês estão conseguindo [...] contornar esse padrão e unir o passado com técnicas sustentáveis cientificamente, politicamente, economicamente, ou seja, o social e o ambiental. [...] Incorporaram o saber espiritual”.

Valorizou as práticas tradicionais:

“Cheguei a ver coisas fantásticas na Saúde, que me marcaram muito, como estudar

e conviver com medicinas e práticas tradicionais, e mesmo orientais, onde as pessoas eram tratadas como seres humanos integrais. [...] Comecei a aprender a meditar e um mundo novo se abriu para mim”.

Aboliu as artificialidades:

“[...] Comecei a recusar aos poucos a servir esse Senhor maldito. Não comprava mais venenos químicos, [...] transgênicos, gordura trans; [...] açúcar branqueado com clorados ou sulforados [...] excessos de embalagens; [...] doces químicos e porcarias, como coca-cola, ou margarinas”.

Valorizou os alimentos integrais e economizou os recursos naturais:

“[...] Aprendi a fazer pão integral em casa, a comer coisas cruas cada vez mais, a comprar na feira ecológica e dos sem-terra, a economizar água e energia de todo tipo. Aprendi a comer de modo a evitar doenças”.

Abriu-se a novas experiências interpessoais:

“[...] Comecei a me organizar em ONGs e na política local. Aprendi que poderia cultivar amor cada vez mais me abrindo aos outros [...]. Aprendi que poderia andar mais a pé, respirar melhor, ajudar os necessitados, dar de meu tempo a minha filha e às pessoas e não só ao meu trabalho formal. [...] Aprendi a pedir desculpas e dizer que também sou fraco, mas cada vez mais ser sincero e dizer o que penso. [...] Vi que seria uma grande ilusão me considerar um milímetro que seja a mais ou melhor que os outros. [...] Aprendi a duvidar de tudo, tudo mesmo, e a me sentir de dentro para fora, e ser senhor das minhas escolhas”.

Assim como a estrutura molecular da água pode ser afetada pela natureza de nossos pensamentos e a visão futurista uma realidade (Bacon é um bom exemplo disso!), começam por nossas reflexões e posturas o respeito à diversidade cultural, a ruptura com o modelo cartesiano e o declínio do sistema econômico imperante. Podemos realizar os nossos sonhos!

Referências

- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martins Claret, 2001.
- FRÓIS, K. P. **Uma Breve História do Fim das Certezas ou o Paradoxo de Janus**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCadero63.pdf>>. Acesso em: 21.mai.2009
- PELLIZZOLI, M. Da Utopia Tecnocêntrica à Utopia Ecológica: Da Nova Atlântida à Política socioambiental. **Revista Gaia Scientia**, João Pessoa: UFPB/UEPB, vol 1, n. 2, p. 1- 8, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/article/viewFile/2314/2037>>. Acesso em: 21.mai.2009.
- Quem Somos Nós? Quantum Edition**. Direção: Betsy Chasse, Mark Vicente, William Arntz. Roteiro: William Arntz, Betsy Chasse, Matthew Hoffman. Produção: William Arntz, Betsy Chasse. Intérpretes: Barry Newman, Elaine Hendrix, Marlee Matlin, Robert Bailey Jr. [EUA: PlayArte], 2005. 1 DVD (108 min).